

O ROMANTISMO POÉTICO DE MARIA FIRMINA DOS REIS NA
IMPrensa MARANHENSE DA DÉCADA DE 1860

*THE POETIC ROMANTISM OF MARIA FIRMINA DOS REIS IN THE
PRESS OF MARANHÃO OF THE DECADE OF 1860*

Profa. Josiane Oliveira Ferreira
Universidade Federal do Maranhão
anne.josiane@hotmail.com

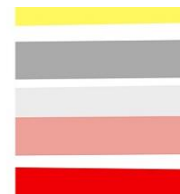
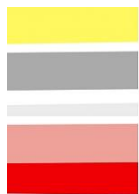
Profa. Dra. Cristiane Navarrete Tolomei
Universidade Federal do Maranhão
cristianetolomei@gmail.com

Resumo: Há tempos que se discute uma possível reformulação do cânone literário brasileiro, uma vez que novas descobertas de obras e escritores ocorrem constantemente, especialmente, nas pesquisas em fontes primárias. A escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), considerada a primeira romancista e poetisa negra brasileira, é uma dessas descobertas, que recebe atualmente atenção da academia devido à sua contribuição ao Romantismo e à imprensa, construindo uma produção literária e jornalística que despertou os olhares de pesquisadores de diferentes áreas. Logo, para este artigo, analisamos de forma pontual a poesia romântica de Maria Firmina dos Reis na imprensa maranhense na década de 1860, em específico, nos jornais *Publicador Maranhense* (1861) e *Semanário Maranhense* (1867), verificando a proposta romântica da escritora na época. Para a realização deste estudo, foram realizadas consultas ao acervo digital da Biblioteca Benedito Leite, de São Luís, e ao acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; Poesia Romântica; Imprensa Maranhense Oitocentista; Fontes Primárias; Periódicos.

Abstract: *There has been a long discussion of a possible reformulation of the Brazilian literary canon, since new discoveries of works and writers constantly occur, especially in primary source research. The Maranhão writer's Maria Firmina dos Reis (1822-1917), considered the first Brazilian novelist and black poet, is one of those discoveries, which currently receives attention from the academy due to her contribution to Romanticism and the press, building a literary and journalistic production that aroused the eyes of researchers of different areas. Thus, for this monographic research, we analyzed in a specific way the romantic poetry of Maria Firmina dos Reis in the Maranhão press in the 1860s, in particular, in the newspapers Publicador Maranhense (1861) and Semanário Maranhense (1867), verifying the romantic proposal of the writer at the time. In order to carry out this study, the digital library of the Biblioteca Benedito Leite in São Luís and the digital library of Biblioteca Nacional in Rio de Janeiro.*

Keywords: *Maria Firmina dos Reis; Romantic Poetry; Press of Maranhão Eighteenth; Primary Sources; Newspapers.*



1 Introdução

Não há como negar hoje a importância de pesquisas às fontes primárias como cartas, manuscritos e periódicos para compreensão de uma época, de uma personalidade histórica, de um escritor e de um estilo literário.

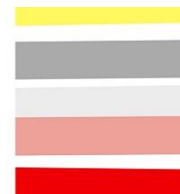
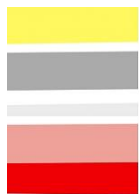
Os estudos envolvendo jornais dos séculos XIX e XX contêm amplas possibilidades de pesquisas no que diz respeito a aspectos sociais, políticos e literários, ainda sendo pouco explorados. No Brasil, o periodismo se fixou em meados do século XIX em diversas regiões do país.

A partir de 1821 vários jornais foram veiculados no Brasil, abordando assuntos dos mais diversos tipos, contribuindo assim para disseminação de conteúdos não só no âmbito da informatividade, mas também na difusão da atividade letrada e do desenvolvimento do intelecto.

De maneira mais específica, os periódicos maranhenses do século XIX desempenharam papel importante na política e na cultura da província, especialmente na capital, determinando tendências e comportamentos, sobretudo, orientando o gosto pela literatura. À vista disso, a imprensa maranhense, ao longo de sua atuação nos oitocentos, reuniu um número considerável de escritores, os quais destacamos Maria Firmina dos Reis (1822-1917) que, devido à sua atuação como professora e intelectual, conseguiu transpor as barreiras impostas por uma sociedade patriarcal e escravagista, adentrando no território que até então era só dos homens brancos. A respeito disso, Rafael Balseiro Zin (2017) ressalta:

As condições e possibilidades de emergência de um determinado escritor, bem como de seus respectivos textos literários pressupõem o encaixe, nem sempre perfeito, de uma série de variáveis, que podem ser interpretadas como resultado de sua genialidade, mera sorte fruto do acaso ou, de modo mais abrangente, sob uma perspectiva que, além de considerar os aspectos sociais envolvidos no processo, se atenta para algumas questões relativas aos momentos e movimentos históricos que antecedem a criação e a publicação da obra, os temas que ela aborda, a forma como são concebidos, os impactos que geram entre os leitores, sua apreciação crítica e eventual consagração (ZIN, 2017, p. 2).

Tendo em vista a contribuição da escritora na imprensa maranhense oitocentista, este artigo traz como tema o Romantismo de Maria Firmina dos Reis nos poemas publicados nos periódicos *O Publicador Maranhense* e *Semanário Maranhense* durante a década de 1860. Para



a realização deste estudo, consultamos os acervos digitais da Biblioteca Pública Benedito Leite, de São Luís; e da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro.

2 Onde tudo começou: Maria Firmina dos Reis e a imprensa maranhense

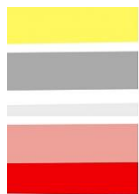
De 1821 a 1899, o Maranhão registrou 160 periódicos, sendo 64 deles intitulados como literários, recreativos ou culturais. Heldér Garmes (2006), ao discorrer acerca dos subtítulos e seções literárias no periodismo acadêmico paulista de 1833 a 1860, afirma que:

O termo “literário” referindo-se a oratória, à narrativa de ficção e à poesia em geral, aparecem como uma forma de distinguir, entre as publicações acadêmicas, as de interesse amplo daqueles de interesse estritamente político. Apesar de existirem várias denominações na época para apontar a diversidade de assuntos de uma publicação, como folhas de “variedade”, “curiosidade” e “artística”, estes termos eram raramente empregados no âmbito acadêmico, sendo de uso mais recorrente as denominações “científico” e literário”, utilizadas geralmente em conjunto (GARMES, 2006, p. 13).

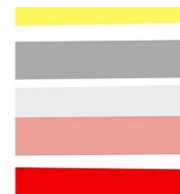
Em meados do século XIX, a Província do Maranhão começou a registrar nomes importantes para as Letras nacionais como Odorico Mendes, Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Joaquim Gomes de Sousa e tantos outros, que publicaram, de forma atuante, na imprensa local. Esses intelectuais pertenceram ao chamado *Grupo Maranhense* do Romantismo, no qual, mais adiante, também se destacaria Maria Firmina dos Reis.

Após a publicação de *Úrsula*, em 1859, mais precisamente um ano depois, Maria Firmina dos Reis deu início à sua contribuição em jornais locais. Assim, a partir de 1860, utilizando apenas as iniciais M.F.R como assinatura, a escritora publica vários poemas, além de prosa. Por exemplo, em 1861, no jornal *Jardim das Maranhenses*, iniciou as publicações do conto indianista *Gupeva*, republicado em 1863 e 1865 nos respectivos jornais *Porto Livre* e *Eco da Juventude*. O livro de poesia de Firmina, *Cantos à beira mar*, foi publicado pela tipografia do periódico *Paiz*, em 1871, publicado depois em *fac-símile* a segunda edição, em 1976. Integrou em 1861 a antologia poética *Parnaso Maranhense*.

A escritora ainda colaborou com os jornais *Publicador Maranhense* (1861), *A Verdadeira Marmota* e *Semanário Maranhense*, ambos de (1867), *O Domingo* (1872), *O País* (1885), *A Revista Maranhense* (1887), *Diário do Maranhão* (1889), *Pacotilha* (1900), *Federalista* (1903). Firmina ainda contribuiu escrevendo um artigo intitulado “Minhas impressões de viagem” (1972) no *Almanaque de Lembranças* (1863, 1868), um diário por título



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Álbum (1985), charadas e enigmas. Além dessa vasta lista de publicações, ainda compôs músicas clássicas e populares (autos de bumba meu boi), músicas dos Versos da Garrafa, atribuído a Gonçalves Dias (MENDES, 2016).

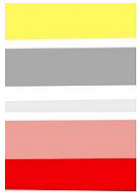
Para este artigo, destacamos a atuação poética de Maria Firmina dos Reis, à luz da estética romântica, nos periódicos *O Publicador Maranhense* e *Semanário Maranhense*. O primeiro, impresso pela Tipografia de Inácio José Ferreira e de propriedade dele mesmo, foi um periódico que circulou de 1842 a 1885 em São Luís e tinha como subtítulo: *Folha oficial, política, litteratura e comercial*. Sua periodicidade era bissemanal ocorrendo às segunda-feira, quarta-feira, sábados, custando 12\$000 réis por ano, 7\$000 por semestre e 4\$000 reis por trimestre pagos adiantados, a folha avulsa era cobrado 200 réis, informações retiradas do próprio jornal. Cada edição do jornal continham quatro páginas.



Figura 1. Capa O Publicador Maranhense, São Luís, n° 01, 9 de julho de 1842, p. 1.

O jornal era tido como “órgão oficial de vida longa que até 1855 foi redigido por João Francisco Lisboa e, no ano seguinte, por Francisco Sotero dos Reis, saindo três vezes por semana até 1862, quando passou a ser diário” (LEÃO, 2013, p. 396).

O segundo, *Semanário Maranhense*, de Joaquim Maria Serra Sobrinho, passou a ser conhecido entre os jornais que mais contribuiu para a consolidação das belas-letas na Província. Ele foi fundado em 1867 e com pouca duração encerrou suas atividades um ano depois. Embora com vida curta, o periódico atuou de maneira intensa na esfera literária:



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Tinha como objetivo central, desde modo, a vulgarização do gosto pelas letras e ciências nacionais, tornando-se um instrumento não apenas de publicidade literária, mas especialmente, em um país onde o livro ainda não era o meio mais eficaz de difusão da cultura letrada, uma ferramenta poderosa a serviço do processo civilizatório e de circulação das tradições locais (LEÃO, 2013, p. 492).

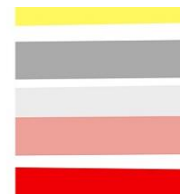
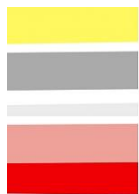
Joaquim Serra, como era mais conhecido, foi professor, tradutor, jornalista, político, poeta e teatrólogo, “participou intensamente na campanha da abolição da escravatura, defendendo-a à frente de diversos periódicos” (LEÃO, 2013, p. 490). *O Semanário Maranhense* foi a contribuição mais significativa de Serra para com a atividade literária, uma vez que o jornal seguia uma linha editorial com foco na propagação da literatura e cultura, em especial a local.



Figura 2. Capa Semanário Maranhense, São Luís, nº 01, 1 de setembro de 1867, p.1

Conforme o *Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Benedito Leite* (2007), o jornal surgiu com o intento de suprir uma lacuna na imprensa maranhense na divulgação de cultura e literatura, contando com a colaboração de Sotero dos Reis e Sousândrade. Segundo Ricardo Leão (2013):

O Semanário Maranhense pôde projetar sua influência como periódico literário para além das fronteiras do Maranhão, tornando-se, durante o breve intervalo de sua existência, um órgão vital para a divulgação das letras locais e nacionais, através do qual vibrou o fulcro das realizações de uma geração que nascia sob o signo de um passado recente, no qual os filhos mais ilustres da Província foram alguns dos mais



Além desses dois periódicos, destacamos que muitos outros foram significativos para o processo de consolidação da imprensa literária no Maranhão, porém somente nesses dois que iremos analisar os poemas românticos de Firmina.

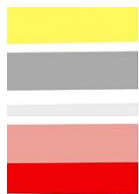
A pesquisadora Algemira de Macêdo Mendes, em seu livro *A escrita de Maria Firmina dos Reis na literatura afrodescendente brasileira: revisitando o cânone* (2016), nos informa que a escritora Maria Firmina dos Reis, mesmo ativa na imprensa maranhense de sua época, passou por um processo de ocultamento, sendo resgatada somente mais de um século depois.

Maria Firmina dos Reis demonstrava ser detentora de uma grande intelectualidade, dentre os seus escritos foram encontrados textos traduzidos para a língua francesa e, por várias vezes, a escritora fez utilização de epígrafes de escritores como Lord Byron, Alexandre Herculano, Goethe, além de notarmos influências de Saint-Pierre, Stowe, Lamartine, Shakespeare, Garret, entre outros. Apesar de ter demonstrado um amplo conhecimento literário, Maria Firmina dos Reis continuou/continua à margem do cânone nacional. Conforme Algemira Mendes, “saber se Maria Firmina dos Reis detém a primazia é secundário, o que se almeja é contribuir com a crítica para oferecer suporte sobre a autora a fim de contribuir para a formação de novos cânones na história da literatura nacional” (2016, p. 48).

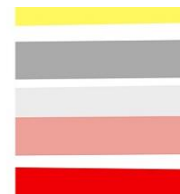
Considerando sua trajetória, é inegável a importante contribuição de Maria Firmina dos Reis para a sociedade maranhense e brasileira no período oitocentista como intelectual, jornalista e literata e, mesmo assim, morreu aos 92 anos, em 11 de novembro de 1917, cega, pobre e esquecida.

4 Poesia romântica de Maria Firmina dos Reis na imprensa maranhense da década de 1860

A função da poesia, por muito tempo, carregou impasses de uma doutrina que defendia uma poesia meramente imediatista, sem um valor histórico, científico e social, não seria também representativa de ideias, mas unicamente a “expressão de um conhecimento intuitivo” (BOSI, 2003, p. 9). Na contramão dessa tendência, o escritor norte-americano T. S. Eliot comenta o papel da poesia:



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



A poesia pode ajudar a romper o modo convencional de perceber e de julgar [...] e faz ver às pessoas o mundo com olhos novos ou descobrir novos aspectos deste. De quando em quando, ela apode dar-nos uma consciência mais ampla dos sentimentos profundos, ignotos, que formam o substrato do nosso ser, ao qual bem raramente acedemos; porque a nossa vida é, em geral, uma contínua evasão de nós mesmos e do mundo visível e sensível (ELIOT, 1933, *apud* BOSI, 2003, p. 31).

A poesia inserida no mundo sensível, mesmo colocada à sombra da realidade, pode também ser concebida como “um primeiro princípio metafísico, [de] ação efetiva, original e universal” (BORNHEIM, 1959, p. 37), mediante às amarras de uma sociedade oitocentista presa a velhas estruturas. Desse modo, a poesia romântica, originada da poesia trovadoresca, é um espaço de liberdade onde o “eu” revela seus segredos mais íntimos, sendo o centro de tudo, porém representativo do mundo exterior. Sobre isso, Gomes e Vechi (1992) comentam:

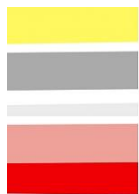
Se o romântico, de um lado, oferece a imagem de um ser fechado em seu universo, de outro, oferece também a imagem de um ser que se desdobra, assumindo as dores e as grandezas da coletividade. Opondo-a à arte inespacial e atemporal dos clássicos, o romântico tem um profundo amor à terra natal e o mesmo se vê como um ser histórico, o que o leva a identificar os valores pessoais aos de seu povo e de seu tempo (GOMES; VECHI, 1992, p. 20).

Logo, a poesia romântica de Maria Firmina dos Reis conduz livremente os sentimentos para que eles consigam atingir o leitor para as questões universais, isto é, embora traga imagens únicas e exclusivas de sua experiência, essas mesmas imagens revelam um mundo exterior mais amplo e coletivo.

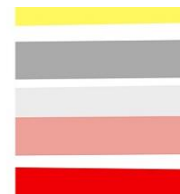
A escritora surge na literatura maranhense no início da segunda metade do século XIX, momento ápice do romantismo nacional, propondo uma obra em prosa e poética que caminha entre questões sociais e estéticas de extrema relevância.

O interessante mesmo é que além de sua produção em prosa, o maior destaque de sua obra, ao longo de meio século em que esteve atuando na imprensa maranhense, uma parte significativa de seus textos publicados em jornais foram poemas. Há nos poemas firminianos duas propostas claras: uma proposta ideológica, que engloba uma poesia mais militante contra a escravidão; e uma proposta estética, que revela uma poesia tipicamente romântica

Nos dois jornais que compõem nosso objeto de estudo, *O Publicador Maranhense* e *Semanário Maranhense*, no recorte temporal escolhido nesta pesquisa, a década de 1860, encontramos 3 poemas publicados por Maria Firmina dos Reis.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Começando pelo jornal *Publicador Maranhense: folha oficial, politica, litteraria, e comercial* (1842-1885), encontrado no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Ele foi um dos jornais de maior durabilidade e com mais de 1000 publicações e, por 20 anos, era publicado três vezes por semana, quando se tornou diário. Com apenas 4 páginas, ele noticiava, de forma preponderante, questões políticas do Maranhão e do Brasil, dedicando às letras uma ou duas colunas na página 2. Foi possível encontrar publicações do “Grupo Maranhense” como de João Francisco Lisboa, que chegou a ser redator até 1855, e Sotero dos Reis, que passou a ser redator em 1856, permanecendo até 1861.

Foi, portanto, em 12 de março de 1861, na edição de número 59, na página 2, que encontramos uma única publicação de Maria Firmina dos Reis na década de 1860 no jornal em questão, não por acaso tendo como redator o seu primo Sotero dos Reis, quem possivelmente abriu esse espaço para que a escritora publicasse o poema intitulado “Tributo de simpatia e admiração”, dedicado à Thereza Francisca Ferreira de Jesus.

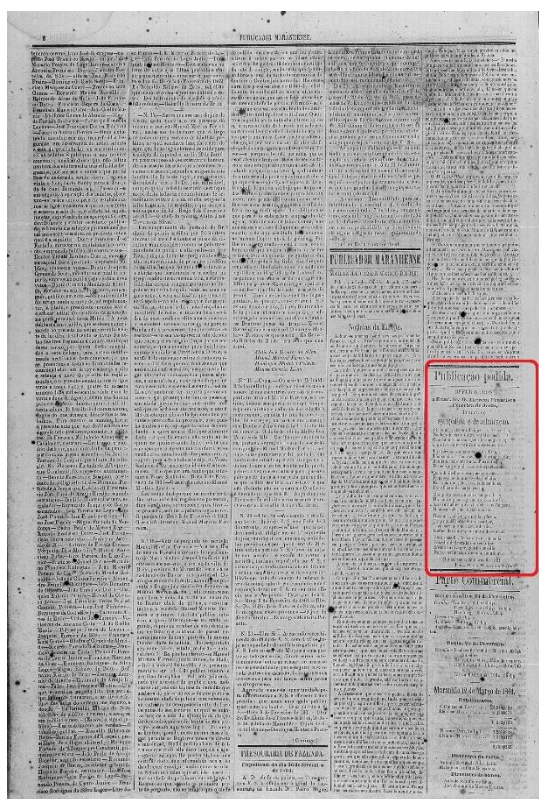


Figura 3. *Publicador Maranhense*, n. 59, 1861, p. 2.

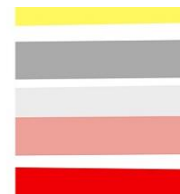
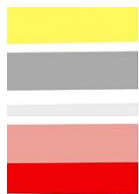
Virgem!... Virgem de amor – O teu sorriso,
Encheu de casto enlevo o peito meu,
Causou-me um doce bem teu mago riso;
E ao teu canto minh'alma estremeceu.

Tão ternos os acentos, tão divina,
Tão sonora a tua voz – que abranda a dor,
Ainda a mais profunda, a mais ferina;
E sem que o queira – nos desperta amor.

Quando declinas esses meigos sons,
Repasadas de amor, - de melodia,
Eu creio que por Deus, fadados sons
Partilhaste de maga poesia.

Meu peito acostumado a longas dores,
Há muito geme — já nem sei cantar!
Mas tu melhor qu'a vida em seus fulgores,
Gostosa vida, me tornaste a dar.

Resumes, virgem, singular poesia,
Fragrância pura de mimosa flor,
Lírio sorrindo no nascer do dia,
Gemer das auras, murmurando — amor:
Fora ousadia, descantar-te, oh bela
Estrela d'alvorada em seu fulgor!
És anjo a divagar, gentil donzela,
Entre perfumes, da manhã no albor.



Trata-se de um poema de 24 versos distribuídos em 6 estrofes. Sua métrica é regular, com quadras e rimas alternadas ABAB, sendo pobres, ricas e raras. Tal configuração demonstra como Maria Firmina dos Reis retoma uma composição poemática recorrente entre os românticos, bem aos moldes dos poemas do escritor português Almeida Garrett.

O sujeito lírico, desde o primeiro verso, dirige-se à “Virgem”, mas não qualquer virgem, à “Virgem de amor”, quem é dona de um sorriso quase hipnotizante, que seduz docemente o sujeito lírico, preenchendo o seu peito de alegria. Logo, a interlocutora é idealizada, descrita à distância e com imagem santificada, de difícil acesso.

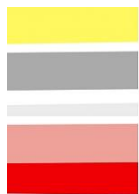
Essa imagem santificada é reiterada na segunda estrofe, quando o sujeito lírico a adjetiva como “divina”, característica própria das divindades religiosas, no caso, como uma santa católica. A voz feminina que “abrandava a dor”, numa espécie de eco suave e acolhedor. Assim, a virtude feminina é enaltecida pelos “meigos sons” de sua voz também na terceira estrofe, que revelam o amor puro e divino.

Ademais, o sujeito lírico que sofre e não consegue nem cantar, encontra na imagem feminina um acalento, como uma evasão da realidade que o tortura. Esse sujeito tipicamente romântico que fala não teme expor seus sentimentos, num excesso de subjetividade confessa suas angústias e amor. Em vista disso, o amor se revela como um princípio divino, que está acima de qualquer condição social e das leis.

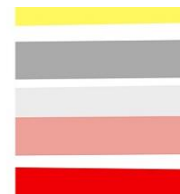
Na quinta estrofe, a musa é cultuada e comparada com a beleza da Natureza, com uma “Fragrância pura de mimosa flor,/Lírio sorrindo no nascer do dia,”. Mais uma vez a mulher surge idealizada com a pureza da flor, e não é qualquer flor, e sim um lírio, que é conhecido como a flor do amor, simbolizando a inocência e a virgindade.

E na última estrofe, o sujeito lírico termina sua explanação amorosa como começou, santificando a imagem feminina como um “anjo”, responsável por iluminar a sua vida. De acordo com Domicio Proença Filho (1972, p. 193), “a mulher entre os românticos aparece convertida em anjo, em figura poderosa, inatingível, capaz de mudar a vida do próprio homem”.

Assim, a figura feminina é um elemento marcante da poesia romântica, que transita entre a mulher anjo e a mulher demônio. No caso específico do poema “Tributo de simpatia e admiração”, a mulher anjo purifica o coração do sujeito lírico, sendo capaz de fortificá-lo e guiá-lo, sendo conselheira e inspiradora e, por meio da luz divina e pelo som divino que emana e ecoa, aproxima esse sujeito a Deus. Logo, o amor cantado por Maria Firmina dos Reis surge como uma virtude, descrito como um sentimento nobre e edificante.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



No jornal *O Semanário Maranhense*, Maria Firmina dos Reis publicou dois poemas. Esse periódico circulou de 1º de setembro de 1867 a 8 de setembro de 1868, e foi criado por Joaquim Serra (1838-1888), mas tinha como colaboradores Sabbas da Costa, Sousândrade, César Marques, Sotero dos Reis, Celso Magalhães e Gentil Braga. O editor responsável era Belarmino de Mattos, quem conseguiu publicar até a edição de número 54.

Cada número do jornal possuía 8 páginas, divididas em três colunas e eram publicados aos domingos. O periódico divulgava prosa de ficção, história, poesias, artigos sobre literatura, notícias e biografias. Na primeira edição do jornal, os editores falaram o objetivo sobre a qual o jornal foi criado, abaixo segue uma transcrição de trechos da apresentação do jornal ao público:

O Semanário Maranhense é um jornal modesto. Não ambiciona glórias, nem aspira altas nomeadas; apenas quer ser o arquivo, onde se encontrem vestígios dos esforços empregados por alguns desta terra, em bem da literatura e das artes. [...] Esta provincia é rica em talentos e de vocações. Entre todas as suas irmãs é ella a que se dedica com mais escrupulo e seriedade a estudos litterarios; é aquelle que se apresenta com orgulho vultos taes como: Gonsalves Dias, Odorico Mendes, João Lisboa, Sotero dos Reis e outros na republica das lettras; Joaquim Souza e Custodio Serrão na das sciencias. Já houve quem a chamasse de Athenas brasileira, e o nome conferido e tão solemne baptismo, não foi nunca contestado e nem posto em duvida, pelos que conhecem a abençoada terra. Se a grande phalange dos talentos de primeira ordem, que era a vanguarda illustre do Maranhão, jaz hoje quase anniquilada pelo braço da morte; muita intelligencia primosa e opulenta ahi se levanta para reatar o fio das gloriosas tradicções. [...] O Maranhão teve sempre no jornalismo orgãos da política, do commercio e clero, mas actualmente apresenta a grande lacuna de não ter um jornal literario e que represente a aspiração dos que se interessão pelo progresso e engrandecimento da litteratura patria. Para suprir semelhante falta sahe a luz o *Semanario Maranhense* (*Semanário Maranhense*, 1 de setembro de 1867, n. 1, p. 1).

Como está exposto no editorial do jornal, havia uma preocupação na divulgação da literatura e, especificamente, a literatura local, daí a abertura, mesmo que tímida, dada à Maria Firmina dos Reis e sua produção poética.

O primeiro poema de Firmina publicado em *O Semanário Maranhense*, denominado “Meditação”, foi publicado em 3 de novembro de 1867. O poema é constituído por catorze estrofes com quatro versos cada, trazendo, não por acaso, uma epígrafe de Alexandre Herculano: “Era a hora em que o homem está recolhido nas suas mesquinhas moradas...”.

AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Figura 4. *O Semanário Maranhense*, 10, 1867, p. 7.

Vejamos pois esta deserta praia,
Que a meiga lua a pratear começa;
Com seu silêncio, se harmoniza esta alma,
Com verga ao julgo duma sorte avessa!

Oh! Meditemos... na soidão da terra,
Nas vastas ribas deste vasto mar,
Ao som do vento, que sussurra triste
Por entre os leques de gentil palmar,

O sol na terra se envolveu – mistérios
Encerra a noite... ela compreende a dor!...
Talvez o manto, que estendeu na terra,
Lhe esmague o peito, que gemeu de amor!

O mar na praia, como liso ondeia,
Gemendo triste – sem furor – com mágoas!...
Também meditas, oh salgado pego?
Também partilhas desta vida as frágoas??...

E a branca lua, a divagar no empíreo
Como uma virgem, na soidão da terra!...
Que doce encanto tem seu meigo aspecto!
Quantos enlevos sua tristeza encerra!

Oh! Meditemos! Quem gemeu no bosque,
Onde a florzinha a perfumar cativa?
Seria o vento, que passando erguera
De tronco anoso a ramagem altiva?

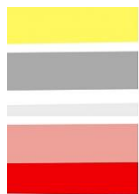
De novo a mente a divagar começa,
Criando afouta seu sonhado amor!
Zombando altiva duma sorte avessa,
Que oprime a vida com fatal rigor!

E nesse instante sufocando a custo,
Meu peito o doce palpar de amor.
Delícias bebe desterrando o susto
Que a noite incute, a semear pavor.

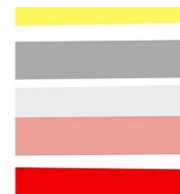
E um deleite, inda melhor que a vida,
Langor, quebrando, ou sofrimento, ou dor.
Um que de afetos, meditando, eu sinto,
Na erma noite, a me exaltar de amor!

E nessa hora, gotejando o pranto,
Nas ermas ribas do saudoso mar,
Das horas mortas, esse doce encanto,
Da vida ao ente, que criei pra amar...

E a doce imagem vaporosa, e bela,
Que a mente ergueu, que engrinaldou de amor,
Eis-me sorrindo melindrosa, e grata.
Como o perfume de amorosa flor!



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



E a mente a envolve de profundo afeto,
E dá-lhe a vida, que lhe dera Deus!
Ergue-lhe altares, lhe coroa a fronte,
Rende-lhe cultos, que só dera aos céus!

Colhe pra ela das roseiras belas,
Que ai cultivava – a mais singela flor,
E num suspiro vai depor-lhe às plantas,
Como oferenda, - seu mimoso amor!

Mas, ah! somente a duração da rosa,
Tem esse breve devanear da mente!
Volve-se a vida, onde há só pranto, e mágoa,
E cessa o encanto do amoroso ente...

O poema traz versos decassílabos, com esquema de rimas variado, apresentando uma cadência constante ao leitor do jornal. Ademais, antecedendo o início do poema, como já foi dito, verificamos uma epígrafe que se trata de um trecho de um dos grandes épicos do romantismo medievalista de Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*. Ao utilizar-se desta epígrafe como introdução de seu poema, Maria Firmina dos Reis nos deixa transparecer umas de suas influências românticas.

Assim como Herculano, em *Eurico, o Presbítero*, Maria Firmina trabalha na fixação do cenário (deserta praia; bosque). A natureza mais uma vez surge na poesia romântica de Firmina e a lua, o mar e a floresta são representativos da alma do sujeito lírico, já que “sentimentalizam” a sua melancolia. Assim, a natureza assume protege o sujeito lírico e ainda desencadeia inspirações.

Há, ao longo do poema, uma evasão que ocorre através do sonho, gerando um conflito entre realidade e fantasia, entre tempo presente e passado, entre estado interno e externo, entre vida e morte, dualidades típicas do romantismo da segunda geração.

O segundo poema publicado em *O Semanário Maranhense* se encontra na edição de número 27, na página 7, publicado no dia 1 de março de 1868, intitulado “A lua brasileira”. Ele é considerado um dos mais belos poemas de Maria Firmina dos Reis, no qual percebemos uma forte influência da primeira geração do romantismo na declaração de amor à pátria.

AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

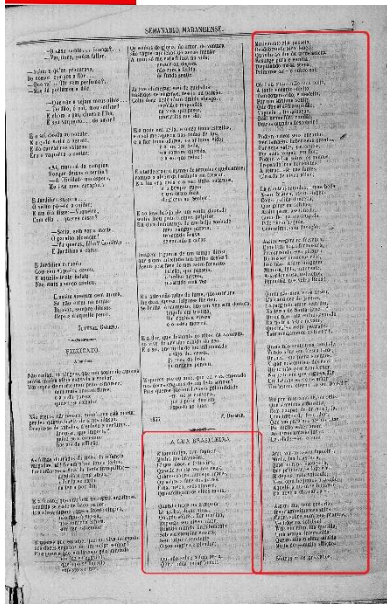


Figura 5. *O Semanário Maranhense*, 27, 1868, p. 7.

É tão meiga, tão fagueira,
Minha lua brasileira;
É tão doce, e feiteira,
Quando airosa vai nos céus;
Quando sobre almos palmares,
Ou sobre a face dos mares,
Fixa, nívea, seus olhares,
Qu'enfeitiçam os olhos meus;

Quando traça na campina
Larga fita diamantina;
Quando sobre a flor marina,
Esparge seu níveo albor;
Quando manda brandamente
Sobre a campina virente,
Seu fulgir alvinitente,
O seu mágico esplendor;

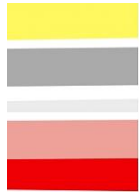
Quando sobre a fina areia,
Que a onda beijar anseia
Molemente ela passeia,
Desdobrando alvo lençol;
Quando ao fim da tarde amena
Ressurge pura e serena,
Disputando nessa cena,
Primores co'o rubro sol;

Oh! eu sinto então meu peito,
A tanto encanto sujeito,
Tão comovido, e desfeito,
Por um sublime sentir,
Que dos ares n'amplidão,
Vagueia a imaginação,
Qual se me fora condão,
Outros mundos descobrir!

Podem outros seus encantos
Ver também, beber seus prantos,
Por seus vales, e recantos,
Por suas veigas, em flor;
Podem vê-la sobre os montes,
Trepando nos horizontes,
A retratar-se nas fontes,
C'roada de níveo albor;

Lá n'outros mundos; — mas, bela
Assim branca, assim singela,
Como pálida donzela,
Que geme na solidão;
Assim pura, acetinada,
Como flor na madrugada
Pelo rocio beijada,
Com mimo, com devoção;

Assim virgem na frescura,
Com tão maga formosura,
Percorrendo essa planura
De nossos formosos céus,



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Isso não: Assim ninguém
Mimosa, leda, inocente,
Assim formosa, indolente,
Permitiu-nos vê-la Deus!

Quem não ama vê-la assim,
C'a candidez do jasmim,
Espargindo amor sem fim,
Na terra de Santa Cruz!
Quem não ama entusiasmado
Da noite o astro nevado,
Que, co'o rosto prateado,
Tão meigamente seduz!?!

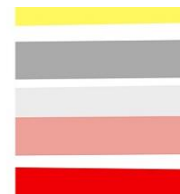
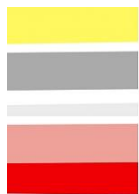
Quem não sente uma saudade,
Vendo a lua em fresca tarde,
Branca — em plena soledade,
Vagar nos campos dos céus!
Quem não gera com fervor,
No peito em que ergue a dor,
Um hino sacro de amor,
Um hino eterno ao seu Deus!?!...

Eu por mim amo-te, oh bela,
Que semelhantes a donzela,
Com roupas de branca tela,
Com traços de fino albor.
Que vai pura aos pés do altar
Por muito saber amar,
Ao terno amado jurar,
Lealdade — fé — e amor.

Amo ver-te assim fagueira,
Minha lua brasileira,
Qual menina lisonjeira,
Que promete, e foge e ri;
E depois, inda voltando,
Vem com beijinhos pagando,
Aquele a quem se furtando,
De novo a chamara a si.

Assim, lua, teus encantos
Inspiram mimosos cantos:
Chora sobre mim teus prantos,
Vertidos na solidão!
Tens em mim, lua querida,
Uma amiga enternecida,
Que aninha n'alma sentida
Muita dor — muita aflição.

Só teus raios prateados,
Teus inocentes agrados,
Teus suspiros magoados,
Modificam tanta dor.
Vem pois com tuas carícias
Infundir brandas delícias,
E com suaves blandícias
Entusiasmar-me de amor.



Maria Firmina dos Reis traz um poema com 13 oitavas e com rimas seguindo uma certa regularidade, por exemplo, na primeira estrofe AABCCCB, e na segunda estrofe DDDEFFFE, a assim por diante, causando ritmo e modulando as emoções.

O poema é um canto à pátria e à exuberância de sua natureza como o fizera também seu conterrâneo Gonçalves Dias. Firmina utilizava a exaltação da natureza e da liberdade como um mecanismo para fugir da realidade, voltando-se para paisagens naturais iluminadas pela lua, a qual não é qualquer lua, mas a “meiga, tão fagueira” lua brasileira, que brilha mais do que as demais e enaltece ainda mais a beleza local, revelando os sentimentos nacionalista e ufanista.

Ademais, o sujeito lírico tem como interlocutora e musa, a lua, elemento recorrente na poesia romântica em geral e, como vimos, também em Firmina. A lua é apresentada de acordo com os clichês ultrarromânticos:

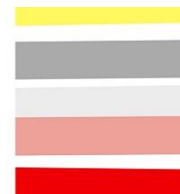
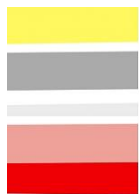
Assim branca, assim singela,
Como pálida donzela,
Que geme na solidão;
Assim pura, acetinada,
Como flor na madrugada
Pelo rocío beijada,
Com mimo, com devoção;

Assim virgem na frescura,
Com tão maga formosura, [...]
(REIS, *O Semanário Maranhense*, 27, 1868, p. 7)

Assim, tanto a lua quanto o eu lírico compartilham segredos e vislumbram a beleza natural. Num cenário paradisíaco, ambos buscam companhia, mas é o sujeito poético quem pede para que a lua transforme dor em amor, bem aos moldes da tradição da segunda geração romântica.

Logo, quando Maria Firmina dos Reis publicou o poema “A lua brasileira”, ela propôs um lirismo regional que, ao enaltece a cor local, ela conjuga plasticidade e ritmo na descrição da beleza da natureza e da própria lua que tem por nacionalidade a brasileira, reiterando o hino a pátria.

Enfim, de acordo com o exposto, concluímos esse breve percurso pela poesia romântica de Maria Firmina dos Reis, produzida na década de 1860, nos periódicos *O Publicador Maranhense* e *O Semanário Maranhense*, verificando o quanto ela resgatou o espírito



romântico e foi importante na/para formação e consolidação da literatura maranhense dos oitocentos.

Considerações finais

Neste texto, verificamos como os principais aspectos do romantismo estavam presentes nos poemas publicados na década de 1860, na imprensa maranhense, por Maria Firmina dos Reis, em especial nos jornais, *O publicador Maranhense* e *O Semanário Maranhense*.

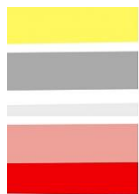
Através da atuação de Maria Firmina dos Reis na imprensa literária maranhense, podemos concluir que a autora poderia facilmente estar elencada juntamente dentre os grandes intelectuais de sua época, uma vez que sua contribuição não se restringiu apenas aos jornais, mas também para a consolidação das letras nacionais, já que ela apresenta erudição em diferentes áreas, em específico, sobre literatura nacional e internacional.

Em sua produção poética, de acordo com a proposta deste artigo, Maria Firmina dos Reis, dialogando com grandes escritores românticos portugueses e brasileiros, encontrou o espaço que precisava para defender o indivíduo do cerceamento social e normativo, usando os elementos românticos do escapismo, do sentimentalismo e da subjetividade para dar voz ao sujeito poético como forma de transpor o artificialismo social. Além disso, Firmina pensou o local do feminino na sociedade patriarcal, trazendo a perspectiva da natureza, da solidão e da morte.

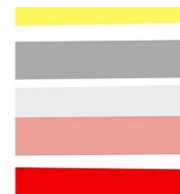
E, para encerrar, Firmina canta a sua pátria, na esperança de que as belezas naturais possam disfarçar os problemas sociais enraizados na sociedade brasileira do século XIX (e que ainda perduram).

Referências

- BORNHEIM, Gerd. *Aspectos Filosóficos do Romantismo*. Porto Alegre: IEL, 1959.
- BOSI, Alfredo. Sobre alguns modos de ler poesia: memórias e reflexões. In: ____ (org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 2003.
- CATÁLOGO DE JORNAIS MARANHENSES DO ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA BENEDITO LEITE: 1821-2007. São Luís: Edições SECMA, 2007.
- FILHO, Domício Proença. *Estilos de Época na Literatura*. 3. ed. São Paulo: Luceu, 1972.



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



GARMES, Hélder. *O romantismo paulista: os Ensaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*. São Paulo: Alameda, 2006.

GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. *A estética romântica. Textos doutrinários*. São Paulo: Atlas, 1992.

LEÃO, Ricardo. *Os Atenienses: a invenção do cânone nacional*. Imperatriz: Ética, 2013.

MENDES, Algemira de Macêdo. *A Escrita de Maria Firmina dos Reis na Literatura Afrodescendente Brasileira: Revisitando o Cânone*. São Paulo: Chiado, 2016.

ZIN, Rafael Balzeiro. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

Recebido em: 10 de julho de 2018.
Aprovado em: 8 de agosto de 2018.